

A MOBÍLIA À ESPREITA

Diogo Medeiros¹

Ao fim da rua XV de novembro em Joinville há um armário retangular trancado, e devo a essa mobília a lembrança do evento narrado.

O fato ocorreu há mais ou menos 5 anos na noite em que jantei com Raul, quando havíamos ido a uma orquestra e onde nos estendemos sob vasta polêmica relacionando Chopin e homens que o usam como dissimulação para falsa erudição e sexo casual.

Conquistamo-nos um ao outro num pretexto sinfônico e decidimos que dançaríamos na Praça do Museu. Talvez eu tenha me inspirado na conquista dos falsos sedutores e escolhido o local pelo reflexo que a lua confere ao lago ou pela composição que o vinho faria com nossos corpos deitados.

Mas essa memória não existirá. Não concluí, àquela noite, meus pensamentos sobre os motivos que levaram à escolha do local, tampouco os compartilhei com Raul. Eu não sabia, de antemão, que me arrependeria dessa escolha, mesmo anos depois.

Ficaríamos nus em um quarto qualquer do centro da cidade. Eu fumaria e acenderia incensos que me sufocariam num ambiente pouco asséptico sobre colchão encardido e fino. Ele me desenharia à nanquim num papel *couchè*.

Em dois dias eu seria apresentado a sua mãe, adotariamos um lagarto que se chamaria Leonardo e nos mudaríamos para um chalé. Eu convidaria meus amigos que adoram ficar bêbados e discutir literatura; ele, os seus, com

predileção em escolher paletas de cor e consumir *LSD*.

Nosso futuro estava se engravidando de desejos a cada troca de olhares. Descobrimos (tarde demais naquela noite) que armários e cavalos são animais monstruosos.

Descemos do ônibus de mãos dadas à rua XV. Dirigimo-nos à praça (queríamos nos sentar frente ao lago) e percebo o armário. Tento ignorar. Permanecia trancado e me tranquilizei. Seguro mais firmemente as mãos de Raul para não precisar expressar o amargor que o reencontro àquela maldita mobília me provocara.

Havia, contudo, trinta cavalos na praça, e um lago. Senti o ar ficando mais denso. Os cavalos me viram chegar ao parque muito sangue-de-satisfação-pós-encontro.

Encaravam-me e babavam e me matavam mortes lentas e dolorosas com suas retinas retangulares. Senti suas respirações de ódio e seus ares sublimando no frio – tão incomum àquela época do ano.

Quando eu era criança papai dizia que os cavalos sentem o cheiro do medo, que é preciso encapsular meus hormônios, dissimular uma coragem inexistente (o armário espreita atrás de nós - Raul não o vê – e sinto-me preso dentro de mim e tento ignorá-lo).

Nunca me senti capaz de liquefazer coragem. Como dissimular o cheiro do meu medo se minhas pernas bambam ao primeiro vislumbre do pelo marrom encardido do cavalo solitário? Em meus sonhos, Passo Preto, o animal, estava sempre preparado para me pisotear.

A pelagem ficava lamacenta por causa do barro vermelho da propriedade e conferia

¹ Graduando de Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina.

à crina um cheiro de couro envelhecido quando secava. O cheiro me despertava como se o futuro não tivesse existência se não como uma vontade do presente.

Passo Preto era uma lembrança mutilada de um processo irrecuperável em que eu sempre falhei tentando passar despercebido pelo animal potente, masculino e de músculos rijos.

Sinto que Raul também exala medo (será que Raul também estava se sentindo preso dentro de si?) e caiu sobre mim a responsabilidade em dissimular coragem líquida por dois.

Passo Preto já me pisoteou diversas vezes e sempre renasci – diminuto, mas fênix. A liberdade que Passo Preto mata é mais frágil. Os cavalos olham a nós dois, erguem suas fuças, expiram o ar como se reconhecessem nosso medo e compartilhassem entre si vossa superioridade equina. Sinto a porta aberta do armário me convidando a entrar. Há marcas das minhas unhas na madeira interna do armário que me espreita e fita e chama e dissuade.

Fugir nunca é um ato estritamente libertário. Escapar da mobília nunca é um

ato-fim. Tenho vontade de voltar ao calor da poltrona de veludo que há dentro dele e escapar dos olhares, mas há um pagamento alto para ter acesso ao cômodo protetivo.

Uma fumaça sai de suas vigas e acalma os cavalos, que olham nossas mãos. Não se tocam. Quando soltei a mão de Raul? Os dedos estão próximos uns dos outros e o armário diz: - “afastem-se!”.

Sessenta olhos fitando dedos que sangram. Somos duas refeições frente à boca aberta de hálito que revela uma ferida infecciosa e o pus escorre do céu da boca até os dentes brancos da normalidade. Dentes brancos apodrecidos da normalidade.

Despeço-me numa fuga sem olhares desejando tocar sua pele, parir o futuro grávido que morre asfixiado dentro de mim. Não pude ver seus olhos. As garras e os olhos da multidão fizeram-me despedir de mim mesmo, e do toque que não aconteceu. Das mãos que voltaram para casa solitárias. E continuam a escapar constantemente dos cavalos. Sempre esperando.